Análise da Pesquisa Nacional de Preços da Cesta Básica de Alimentos

Conab e Dieese

CURITIBA
OUTUBRO DE 2026



DIEESE
DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

Conab
Companhia Nacional de Abastecimento

Análise da Pesquisa Nacional de Preços da Cesta Básica de Alimentos

CONAB E DIEESE

CURITIBA
OUTUBRO DE 2026



NOVEMBRO DE 2026

DIEESE
DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

Conab
Companhia Nacional de Abastecimento

Curitiba, 10 de novembro de 2026.

ANÁLISE MENSAL

Tomate, arroz e carne bovina de primeira elevam custo da cesta em outubro

Em 2024, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) firmaram parceria para acompanhamento dos preços da cesta básica de alimentos, como contribuição à Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional e à Política Nacional de Abastecimento Alimentar.

Um dos frutos da parceria é a ampliação da coleta de preços de alimentos básicos de 17 para 27 capitais brasileiras. Os resultados da Pesquisa nas 27 capitais começaram a ser divulgados em agosto de 2025.

Entre setembro e outubro de 2026, o valor do conjunto dos alimentos básicos aumentou nas 27 capitais, segundo a Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, realizada mensalmente pelo DIEESE em parceria com a Conab. As principais elevações ocorreram no Nordeste: Salvador (6,79%), Natal (6,68%), Recife (6,41%), Fortaleza (5,48%), João Pessoa (5,46%) e Aracaju (5,25%).

São Paulo foi a capital onde o conjunto dos alimentos básicos apresentou o maior custo (R$ 951,37), seguida por Rio de Janeiro (R$ 939,39), Florianópolis (R$ 927,82) e Cuiabá (R$ 924,82). Nas cidades do Norte e do Nordeste1, onde a composição da cesta é diferente, os menores valores médios foram registrados em Aracaju (R$ 618,61), Maceió (R$ 661,69), Salvador (R$ 677,77) e Natal (R$ 678,05).

A comparação dos valores da cesta, entre outubro de 2025 e outubro de 2026, mostrou que todas as capitais tiveram alta de preço, com variações entre 3,36%, em Boa Vista, e 19,79%, em Fortaleza.

Também no acumulado do ano, ou seja, entre dezembro de 2025 e outubro de 2026, todas as cidades pesquisadas apresentaram aumentos nos preços da cesta básica, com taxas que oscilaram entre 7,60%, em Boa Vista, e 21,52%, em Fortaleza.

1 No Norte e Nordeste, a quantidade de carne pesquisada é menor; não se coleta o preço da farinha de trigo, como nas capitais das demais regiões, mas o da farinha de mandioca; e não se pesquisa a batata.

Com base na cesta mais cara, que, em outubro, foi a de **São Paulo**, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e da família dele com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em outubro de 2026, o salário mínimo necessário para a manutenção de uma família de quatro pessoas deveria ter sido de **R$ 7.992,47** ou 4,93 vezes o mínimo de R$ 1.621,00. Em setembro, o valor necessário era de R$ 7.750,01 e correspondeu a 4,78 vezes o piso mínimo. Em outubro de 2025, o mínimo necessário deveria ter ficado em R$ 7.116,83, 4,69 vezes o valor vigente na época, que era de R$ 1.518,00.

TABELA 1
Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos
Custo e variação da cesta básica em 27 capitais - Brasil - Outubro de 2026

Capital	Valor da cesta	Variação mensal (%)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de trabalho	Variação no ano (%)	Variação em 12 meses (%)
São Paulo	951,37	3,13	63,45	129h07m	12,46	12,30
Rio de Janeiro	939,39	2,84	62,65	127h29m	18,60	17,22
Florianópolis	927,82	1,33	61,88	125h55m	15,79	12,52
Cuiabá	924,82	3,77	61,68	125h31m	16,87	16,36
Porto Alegre	919,78	3,44	61,34	124h50m	17,29	11,68
Curitiba	866,93	2,97	57,82	117h40m	17,49	13,80
Vitória	862,37	4,01	57,51	117h02m	18,58	15,57
Campo Grande	848,51	5,20	56,59	115h10m	9,36	9,16
Goiânia	836,64	3,54	55,80	113h33m	15,25	16,11
Fortaleza	822,70	5,48	54,87	111h40m	21,52	19,79
Belo Horizonte	810,73	0,96	54,07	110h02m	12,09	13,15
Brasília	810,36	4,73	54,04	109h59m	13,46	12,92
Palmas	779,86	3,61	52,01	105h50m	15,09	12,14
Belém	756,42	3,39	50,45	102h40m	13,48	13,87
Macapá	726,84	0,95	48,47	98h39m	11,62	7,03
São Luís	719,63	3,85	47,99	97h40m	14,33	11,86
Teresina	715,44	2,42	47,71	97h06m	10,91	10,63
Rio Branco	710,92	4,80	47,41	96h29m	13,55	12,65
Recife	705,98	6,41	47,08	95h49m	18,43	16,11
Boa Vista	701,73	0,28	46,80	95h14m	7,60	3,36
Porto Velho	698,97	1,12	46,62	94h52m	18,07	12,94
João Pessoa	696,24	5,46	46,43	94h29m	16,49	14,15
Manaus	687,46	1,67	45,85	93h18m	10,81	8,56
Natal	678,05	6,68	45,22	92h01m	13,55	10,76
Salvador	677,77	6,79	45,20	91h59m	11,57	11,77
Maceió	661,69	4,82	44,13	89h48m	12,21	11,72
Aracaju	618,61	5,25	41,26	83h58m	14,67	12,44

Fonte: Conab/DIEESE

Cesta x salário mínimo

Em outubro de 2026, o tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta básica nas 27 capitais pesquisadas foi de 105 horas e 51 minutos, maior do que o registrado em setembro, quando ficou em 102 horas e 11 minutos. Já em outubro de 2025, a jornada média foi de 100 horas e 19 minutos.

Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto de 7,5% referente à Previdência Social, verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso nacional comprometeu em média, em outubro de 2026, 52,01% do rendimento para adquirir os produtos alimentícios básicos e, em setembro, 50,21%. Em outubro de 2025, o percentual médio ficou em 49,29%.

Principais variações dos preços dos produtos da cesta[2]

O preço do quilo do **tomate** aumentou em todas as capitais, entre setembro e outubro. As elevações ficaram entre 0,68%, em Boa Vista, e 58,32%, em Maceió. No acumulado de 12 meses, o valor também subiu em todas as capitais. As elevações ficaram entre 2,64%, em Macapá, e 117,12%, em Cuiabá. A maturação lenta, devido ao clima ameno, e as chuvas em algumas praças causaram redução da oferta e aumento do preço do fruto.

Entre setembro e outubro, o valor médio do **arroz agulhinha** apresentou alta em 26 capitais, exceto em Curitiba (-0,23%), onde houve queda. Destacam-se os aumentos registrados em Palmas (9,54%), Campo Grande (7,74%) e Fortaleza (7,18%). No acumulado de 12 meses, o valor do arroz agulhinha subiu em 21 municípios pesquisados, com destaque para Porto Velho (31,44%) e São Luís (23,96%). Houve queda em seis capitais, com destaque para Boa Vista (-14,17%). O aumento do preço internacional e das exportações sustentaram o valor do arroz também no varejo.

O preço da **carne bovina de primeira** aumentou em 25 capitais, entre setembro e outubro. As principais altas foram verificadas em São Luís (6,04%) e Rio Branco (3,54%). Houve queda em Florianópolis (-0,41%) e Boa Vista (-0,13%). Em 12 meses, o preço da carne apresentou elevações em todas as capitais, com percentuais entre 5,93%, em Porto Alegre, e 23,94%, em Rio Branco. A menor oferta de bovinos machos para abate no período de entressafra fez o preço subir.

O valor comercializado do **óleo de soja** registrou alta em 24 capitais, entre setembro e outubro. Os aumentos oscilaram entre 0,26%, em Belo Horizonte, e 6,04%, em Manaus. No acumulado de 12 meses, o valor médio do óleo de soja diminuiu em 25 capitais, principalmente

2 Fontes de consulta: Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, Unifeijão, Conab-Companhia Nacional de Abastecimento, Embrapa, Agrolink, Globo Rural, artigos diversos em jornais e revistas.

em Boa Vista (-16,44%) e Belo Horizonte (-13,39%). A maior demanda por óleo bruto para produção de biocombustíveis, as incertezas em relação à oferta de outros tipos de óleo vegetal, por causa dos conflitos geopolíticos, e a valorização do dólar diante do real, na última semana do mês, tornaram o produto brasileiro mais competitivo e explicam o aumento.

O preço médio do quilo do **açúcar** aumentou em 22 capitais entre setembro e outubro. As maiores altas foram observadas no Rio de Janeiro (9,58%) e em Vitória (7,75%). Em Salvador e São Luís, o valor não se alterou. Houve queda em três capitais: Maceió (-2,79%), Aracaju (-0,59%) e Rio Branco (-0,30%). No acumulado de 12 meses, o preço caiu em todas as cidades pesquisadas. As quedas variaram entre -21,70%, em São Paulo, e -3,21%, em São Luís. A oferta restrita de cana-de açúcar e a desvalorização cambial, até meados de outubro, elevaram o preço internacional, com impactos no varejo.

O **café em pó** registrou redução de preço em 20 capitais, com percentuais entre -6,92%, em Maceió, e -0,27%, em Florianópolis. Em Cuiabá, o valor médio não variou, enquanto seis capitais tiveram alta, com destaque para Macapá (1,85%). No acumulado de 12 meses, o valor médio do quilo caiu em todas as capitais, entre -26,91%, em Belo Horizonte, e -8,72%, em Macapá. A queda do preço internacional do grão de café, com a possibilidade de maior safra mundial, pode explicar a tendência de redução no varejo das cidades.

Entre setembro e outubro de 2026, o valor do quilo do **feijão** diminuiu em 15 capitais e aumentou em outras 12. O grão preto, pesquisado nos municípios do Sul, no Rio de Janeiro e em Vitória, apresentou alta em todos esses locais, com percentuais entre 1,47%, em Florianópolis, e 5,74%, em Rio de Janeiro. Em 12 meses, houve aumento em todos os municípios pesquisados, com percentuais entre 32,29%, em Porto Alegre, e 42,58%, em Curitiba. Já o tipo carioca, cujo valor é coletado no Norte, Nordeste, Centro-Oeste e nas cidades de São Paulo e Belo Horizonte, apresentou queda em 15 capitais. As maiores reduções foram registradas em Maceió (-3,26%), Aracaju (-2,70%) e Porto Velho (-2,69%). As altas foram observadas em sete capitais, com destaque para São Luís (2,34%), Goiânia (1,92%) e Campo Grande (0,93%). Em 12 meses, o valor do grão carioca apresentou elevação em todas as capitais, com percentuais entre 27,47%, em Rio Branco, e 60,77%, em São Luís. O grão preto está em período de entressafra, o que explica os aumentos em outubro. O comportamento diverso do grão carioca pode estar atrelado à baixa demanda de reposição do varejo e à queda da procura, devido aos altos preços praticados.

Curitiba

- Valor da cesta: R$ 866,93.
- Variação mensal (out/2026 / set/2026): 2,97%.
- Variação no ano (out/2026 / dez/2025): 17,49%.

- Variação em 12 meses (out/2026 / out/2025): 13,80%.
- Jornada necessária para comprar a cesta básica: 117 horas e 40 minutos.
- Percentual do salário-mínimo líquido gasto para compra dos produtos da cesta para uma pessoa adulta: 57,82%.

Em outubro de 2026, o preço da cesta básica de Curitiba apresentou aumento de 2,97% em relação a setembro. O custo foi de R$ 866,93. Entre outubro de 2025 e outubro de 2026, o valor acumulou elevação de 13,80%. Na variação acumulada no ano, a cesta registrou alta de 17,49%.

Entre setembro e outubro de 2026, nove dos 13 produtos que compõem a cesta básica tiveram aumento nos preços médios: tomate (13,70%), feijão preto (3,27%), carne bovina de primeira (2,30%), pão francês (2,17%), leite integral (2,02%), óleo de soja (1,63%), açúcar refinado (1,04%), manteiga (1,03%) e banana (0,63%). Os outros quatro itens apresentaram queda de preço: batata (-4,73%), café em pó (-1,30%), farinha de trigo (-0,48%) e arroz agulhinha (-0,23%).

No acumulado dos últimos 12 meses, foram registradas elevações em sete dos 13 itens: batata (69,29%), tomate (64,13%), feijão preto (42,58%), carne bovina de primeira (12,05%), leite integral (8,97%), pão francês (8,46%) e arroz agulhinha (0,93%). Apresentaram diminuição de preços: café em pó (-20,16%), açúcar refinado (-13,81%), banana (-8,96%), óleo de soja (-4,84%), farinha de trigo (-4,57%) e manteiga (-1,91%).

No acumulado do ano, ou seja, entre dezembro de 2025 e outubro de 2026, sete produtos registraram alta: tomate (146,20%), batata (71,09%), feijão preto (44,44%), leite integral (21,93%), arroz agulhinha (11,83%), carne bovina de primeira (11,12%) e pão francês (6,61%). Os seguintes alimentos apresentaram queda de preço: café em pó (-19,91%), açúcar refinado (-13,81%), banana (-12,67%), óleo de soja (-6,86%), farinha de trigo (-1,42%) e manteiga (-0,39%).

Em outubro de 2026, o trabalhador de Curitiba remunerado pelo salário mínimo de R$ 1.621,00 precisou trabalhar 117 horas e 40 minutos para adquirir a cesta básica. Em setembro de 2026, o tempo de trabalho necessário havia sido de 114 horas e 16 minutos. Em outubro de 2025, quando o salário mínimo era de R$ 1.518,00, o tempo de trabalho necessário era de 110 horas e 24 minutos.

Considerando o salário mínimo líquido, após o desconto de 7,5% da Previdência Social, o mesmo trabalhador precisou comprometer, em outubro de 2026, 57,82% da renda para adquirir a cesta. Em setembro de 2026, esse percentual correspondeu a 56,15% da renda líquida e, em outubro de 2025, a 54,25%.

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE
Escritório Nacional: rua Aurora, 957, Santa Efigênia, São Paulo – SP – CEP 01209-001
www.dieese.org.br

Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB
SGAS 901, Bloco A, Lote 69, Ed. Conab – Asa Sul – Brasília - DF – CEP 70390-010
www.gov.br/conab

DIEESE Conab MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO E AGRICULTURA FAMILIAR MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO